

Tem valor doutrinário a 2ª parte de *O Céu e o Inferno*?

“O que nos deve interessar não é nossa opinião nisto ou naquilo, mas sim a firmeza com que pudermos seguir os princípios da doutrina espírita.” (HERCULANO PIRES)

As várias comunicações inseridas na **2ª parte** da obra *O Céu e o Inferno* representam apenas as opiniões pessoais dos Espíritos manifestantes ou teriam elas valor doutrinário? Usando de uma fala de Allan Kardec (1804-1869) sobre a posição dos médicos a respeito do magnetismo, pode-se argumentar “que uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual, que não faz força de lei” (1).

Acreditamos que é necessário ir um pouco mais além para, com isso, ver o pensamento do Codificador numa amplitude maior. Vejamos, por exemplo, o que ele disse no “Discurso do encerramento do ano social 1858-1859”, publicado na **Revista Espírita 1859**, no mês de julho:

[...] Um Espírito poderia dizer, pois, que é o Sol que gira e não a Terra, e sua teoria não seria mais verdadeira porque vinda de um Espírito. Que aqueles que nos supõem uma credulidade tão pueril, saibam, pois, que tomamos **toda opinião manifestada por um Espírito por uma opinião individual; que não a aceitamos senão depois de tê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação** que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos vós conheceis. (2) (grifo nosso)

O detalhe que julgamos de suma importância é o de que há, sim, a possibilidade de uma opinião individual possuir algum valor. Isso acontecerá quando ela, após passar pelo controle da lógica, também venha a refletir a opinião de vários outros Espíritos, uma vez que assim teremos a universalidade do ensinamento dos Espíritos.

1 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 261.

2 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 176-177.

Infelizmente, a tradução de Manoel Justino Quintão (1874-1954), publicada pela FEB ⁽³⁾, não tem o Prefácio. Pode ser que outras estejam nessa mesma situação. Ora, isso impossibilita aos leitores de terem conhecimento da explicação de Allan Kardec a respeito da obra, especialmente quanto as das duas partes que a compõem.

A FEB corrigiu essa falha, é preciso registrar, com publicação de **O Céu e o Inferno** traduzida por Evandro Noletto, da qual transcrevemos os seguintes parágrafos do Prefácio:

A **primeira parte** desta obra, chamada Doutrina, **contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras**. O dogma das penas eternas é aí tratado de maneira especial e refutado por argumentos colhidos das próprias leis da natureza, leis que demonstram, não só o seu lado ilógico, centenas de vezes já assinalado, como a sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as consequências que se acreditavam tirar de tal doutrina.

A **segunda parte** encerra **numerosos exemplos que sustentam a teoria**, ou melhor, que serviram para o seu estabelecimento. A **autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares** onde foram obtidos, porquanto, se emanassem de uma fonte única, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; baseia-se, **além disso, na sua concordância com o que se obtém todos os dias**, seja onde for que as pessoas se ocupem das manifestações espíritas, encaradas sob um ponto de vista sério e filosófico. Tais exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, visto que não há Centro Espírita que não possa fornecer um notável contingente deles.

Para evitarmos repetições cansativas, tivemos de fazer uma escolha criteriosa entre os exemplos mais instrutivos. **Cada um deles é um estudo, em que todas as palavras têm o devido alcance para quantos desejem meditá-los com atenção, visto que de cada ponto jorra uma nova luz sobre a situação da alma após a morte e sobre a passagem**, até agora tão obscura e temida, da vida corpórea à vida espiritual. **É o guia do viajante, antes de adentrar em país novo**. Aí a vida de além-túmulo se desdobra em todos os seus aspectos, como novos motivos de esperança e de consolação e novas bases para o fortalecimento da fé no futuro e na Justiça de Deus. ⁽⁴⁾ (grifo nosso)

Entendemos que, ao se referir às comunicações como “numerosos exemplos que sustentam a teoria”, cuja “autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares” e, finalmente, “na sua concordância com o que se obtém todos os dias”, Allan Kardec está colocando-os num

3 KARDEC, *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

4 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 11-12.

patamar bem mais elevado do que “apenas opiniões individuais”, mas como as que formaram a base para os princípios doutrinários delas emanados.

Recomenda-nos estudar e também meditar sobre cada um desses exemplos, a nosso sentir, comprova o valor doutrinário que lhes dispensou.

Nesse pequeno artigo propomos levantar em *O Céu e o Inferno*, se, de fato, nele existe alguma base para dizer que sofreremos o que fizemos os outros sofrerem.

Narra o autor do Evangelho Segundo Mateus, seja ele quem for ⁽⁵⁾, que Jesus teria dito a um dos discípulos que tomou da espada para o defender dos soldados romanos, em João (26,10) ele foi identificado como sendo Simão Pedro, o seguinte: “*Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão.*” (Mateus 26,52)

Estamos enganados ou aqui Jesus diz exatamente isso, ou seja, que sofreremos o mesmo mal que fizemos aos outros?

Em ***O Céu e o Inferno***, 1ª parte, cap. O purgatório, Allan Kardec, a certa altura, diz:

[...] Na maior parte das vezes ele [o homem] é infeliz por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, expiando não somente faltas atuais, mas faltas anteriores não reparadas. **Sofre em uma vida de provações o que fez sofrer a outrem em anterior existência.** As vicissitudes que experimenta são, ao mesmo tempo, uma correção temporária e uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males futuros e progredir para o bem. [...]. ⁽⁶⁾ (grifo nosso)

O Codificador foi bem claro e objetivo ao dizer que o homem sofre em uma vida o que fez sofrer a outros, ou seja, passará pelo mesmo sofrimento infligido ao próximo.

No tópico “Código penal da vida futura”, da 1ª parte, do cap. VII – As penas futuras segundo o Espiritismo, são listados vários pontos, dos quais

5 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>

6 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 64.

destacamos os três seguintes:

7º) **O Espírito sofre pelo mal que fez**, de maneira que, *sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal*, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se.

8º) Sendo infinita a Justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, **não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais**, como não há uma única ação meritória, um só bom impulso da alma que se perca, *mesmo para os mais perversos, visto que tais ações constituem um começo de progresso*.

9º) **Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes**, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar uma segunda vez. (7) (itálico do original, negrito nosso)

Portanto, não há mal que não se tenha que “pagar”. O pagamento não deve ser visto como um castigo, mas, sim, como uma oportunidade que Deus dá ao Espírito infrator de sofrer na própria pele o que fez outro sofrer, uma vez que essa é a única forma dele avaliar o mal praticado, passando a não mais cometê-lo.

No cap. IV – Espíritos sofredores, Ferdinand Bertin que, em 2 de dezembro de 1863, morrera numa “grande catástrofe marítima”. Na sua comunicação ele explica o motivo pelo qual o levou a desencarnar dessa forma:

[...] eu era muito culpado, o que mais me tortura é ter sido considerado mártir, quando na verdade não o fui... **Na precedente existência eu mandara ensacar várias vítimas ainda vivas e depois as atirei no mar**. Orai por mim! (8) (grifo nosso)

A manifestação desse Espírito ocorreu seis dias após afogar-se na tragédia.

Do cap. V – Suicidas, tomemos o caso de Antoine Bell, que se suicidou em fevereiro de 1865. Na vida anterior envenenara seu rival na véspera do

7 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 89-90.

8 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 250.

casamento. Esse crime desencadeou uma obsessão pelo pai da vítima, que acabou pôr o levar ao suicídio. Do comentário de Allan Kardec, destacamos o seguinte trecho:

[...] Antoine Bell personifica o homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em existência anterior, qual um remorso e um aviso. Por aí já se vê que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e a bondade divinas se ostentam na faculdade conferida ao homem de progredir gradualmente, sem jamais privá-lo do resgate das faltas; que **o culpado é punido pela própria falta**, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir. ⁽⁹⁾ (grifo nosso)

Não foi a primeira vez que Allan Kardec fez essa afirmação. Vamos encontrá-la novamente dizendo isso no tópico “Causas anteriores das aflições”, do Cap. V – Bem-aventuradas os aflitos do livro ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, do qual transcrevemos:

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores são sempre, como os decorrentes das faltas atuais, a consequência dos erros cometidos, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, **o homem sofre o que fez sofrer aos outros**. Se foi duro e desumano, poderá, por sua vez, ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta ou se empregou mal a sua fortuna, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

Temos, portanto, provado que as comunicações registradas em *O Céu e Inferno* foram a base para inserção em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* do princípio “o homem sofre o que fez sofrer aos outros”.

No cap. VIII – Expições terrestres, vejamos também o caso do Espírito Antonio B..., que, em 1850, foi enterrado vivo, após ter uma morte aparente. Fato descoberto quando abriram seu túmulo objetivando exumar seu corpo e notaram que havia mudado de posição. Foi evocado em agosto de 1861, e disse ser consequência de uma “cruel punição de feroz existência”, detalhando:

9 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 287.

10 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 77.

[...] Ah! Por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu e os Espíritos do Senhor conhecíamos? Mas visto que assim é preciso, dir-vos-ei que, **numa existência anterior, eu enterrara viva uma mulher**, a minha própria esposa, e por sinal num jazigo subterrâneo. **A pena de talião devia ser-me aplicada. Olho por olho, dente por dente.** ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

É mais um caso que corrobora a aplicação da “pena de talião”, lei instituída por Deus aos infratores e abraçada pelo Espiritismo como um de seus princípios.

No nosso sentir, não há dúvida de que as comunicações de Espíritos inseridas em *O Céu e o Inferno* fizeram parte da base com a qual o princípio de que sofremos o que fizemos os outros sofrem. Portanto, são muito mais do que “apenas opiniões individuais”, passaram pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Jan/2022.

Revisão: Hugo Alvarenga Novaes

Artur Felipe Ferreira

O presente artigo foi inserido no capítulo “Argumentos desfavoráveis à ideia do Umbral” do ebook ***Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?***, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/806-umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo>

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

11 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 348.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/806-umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo>. Acesso em 19 jan. 2022.